

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTO CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

TESE

**TÉCNICA É TUDO QUE NÃO É TÉCNICA:
uma experiência poética na linguagem**

Ana Carolina do Carmo Barboza

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO
MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTO CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

**TÉCNICA É TUDO QUE NÃO É TÉCNICA:
uma experiência poética na linguagem**

ANA CAROLINA DO CARMO BARBOZA

*Sob a Orientação do Professor
Carlos Roberto de Carvalho*

*E Coorientação da Professora
Rosana Pinto Plasa Silva*

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Doutora
em Educação**, no Curso de Pós-
Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas
Populares, Área de Concentração em
Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas
Populares.

Seropédica; Nova Iguaçu, RJ
Março 2025

**TÉCNICA É TUDO
QUE NÃO É TÉCNICA:
uma experiência poética na linguagem**



Figura 1- Lavadeiras do Rio das Laranjeiras

Fonte: <https://tinyurl.com/4xj7bc96>

**De Ana Carolina do Carmo Barboza
em parceria com Beto Carvalho & Rosana Pinto Plasa Silva**

Nesta data querida,

Verão de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238t

Barboza, Ana Carolina do Carmo, 1981-
Técnica é tudo que não é técnica: uma experiência
poética na linguagem / Ana Carolina do Carmo Barboza.
- Seropédica; Nova Iguaçu, 2025.
61 f.: il.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Coorientadora: Rosana Pinto Plasa Silva.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2025.

1. Ser. 2. Tempo. 3. Pensamento. 4. Linguagem. 5.
Técnica. I. Carvalho, Carlos Roberto de , 1950-,
orient. II. Silva, Rosana Pinto Plasa, 1964-,
coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. IV.
Título.

REQUERIMENTO

Aos Ilustríssimos Senhores e Senhoras Membros da Banca e demais autoridades:

Eu, Ana Carolina do Carmo Barboza, técnica-administrativa e doutoranda matriculada na linha *Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas*, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, sob a orientação do prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho e coorientação da prof.^a Dr^a Rosana Pinto Plasa Silva - venho, perante aos Senhores e Senhoras, reivindicar, caso esta tese seja deferida, o título de Doutora em Educação, pela banca examinadora, legalmente constituída pelos seguintes membros: Dr. Carlos Roberto de Carvalho (IM/UFRRJ) e Dra. Rosana Pinto Plasa Silva (CTUR/UFRRJ), respectivamente orientador-presidente e coorientadora, os professores Drs. Pedro Paulo de Oliveira Silva (IT/UFRRJ), Roberto de Souza Rodrigues (IM/UFRRJ), George Willian Bravo de Oliveira (FAETEC) e Mailsa Carla Pinto Passos (UERJ).

Nestes termos, pede deferimento.

Ana Carolina do Carmo Barboza



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO N° 426 / 2025 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.029418/2025-98

Seropédica-RJ, 06 de junho de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

ANA CAROLINA DO CARMO BARBOZA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 17/03/2025

Membros da banca:

CARLOS ROBERTO DE CARVALHO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

PEDRO PAULO DE OLIVEIRA SILVA. Dr. UFRRJ (Examinador Externo ao Programa).

ROBERTO DE SOUZA RODRIGUES. Dr. UFRRJ (Examinador Externo ao Programa).

GEORGE WILLIAM BRAVO DE OLIVEIRA. Dr. FAETEC (Examinador Externo à Instituição).

MAILSA CARLA PINTO PASSOS. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição)

(Assinado digitalmente em 06/06/2025 20:09)
 CARLOS ROBERTO DE CARVALHO
 PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
 DeptES (12.28.01.00.00.86)
 Matrícula: 1607701

(Assinado digitalmente em 07/06/2025 15:56)
 PEDRO PAULO DE OLIVEIRA SILVA
 DIRETOR DE INSTITUTO
 IT (12.28.01.27)
 Matrícula: 386935

(Assinado digitalmente em 07/06/2025 16:13)
 ROBERTO DE SOUZA RODRIGUES
 REITOR

(Assinado digitalmente em 08/06/2025 09:25)
 GEORGE WILLIAM BRAVO DE OLIVEIRA
 ASSINANTE EXTERNO
 CPF: 783.724.537-72

(Assinado digitalmente em 08/06/2025 16:45)

MAILSA CARLA PINTO PASSOS

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 770.289.617-53

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **426**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **06/06/2025** e o código de verificação: **b89394f3fd**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para Eu chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Que a pena não faça diferença do que o meu coração uniu e que de modo algum hierarquiza.
(Vieira)

De todo coração, agradeço a todas as pessoas que estiveram até aqui presentes no comboio da minha existência pessoal, profissional e acadêmica.

De modo especial, agradeço ao Beto e à Rosana, parceiros com quem aprendo a cuidar do texto como se lavasse roupa.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por ser o pano de fundo de tanto aprendizado. A todos, enfim, que através de vibrações de apoio e incentivo, contribuíram para que este momento se tornasse real, o meu sincero OBRIGADA e GRATIDÃO!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

EM RESUMO

BARBOZA, Ana Carolina do Carmo. “**Técnica é tudo que não é técnica: uma experiência poética na linguagem**”. 2025. 61p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

... a tese é a gente, agente na linguagem.

“Técnica é tudo que não é técnica”. A partir dessa resposta dada por Heidegger à pergunta “Que é técnica?”, dou início à reflexão desta tese. O absurdo da resposta lançou-nos ao abismo da pergunta: *Que é ser?* A pergunta orienta o caminho intencional e intuitivo do sujeito face às manifestações do objeto, o fenômeno da técnica. A sinergia sujeito-objeto-sujeito-mundo fez do texto um carrossel de perguntas a respeito de tudo aquilo que não é técnico, mas que nos constitui como gente, o epicentro das transformações socioculturais. Na busca de que é técnica para além da técnica, um enigma paira no ar: técnica, eu sei o que é, mas, quando me perguntam, já não sei mais se ela é isto ou aquilo, ou isto e aquilo. Na fissura da resposta, tudo começa a zoar de vez no escuro, restando apenas, no silêncio do isqueiro, a faísca da pergunta: *Que é técnica?, Quem sou eu?, Que é ser?.*

Palavras-chave: Ser; Tempo; Pensamento; Linguagem; Técnica.

ABSTRACT

BARBOZA, Ana Carolina do Carmo. "Technique is everything that is not technique: a poetic experience in language". 2025. 61p. Thesis (PhD in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education/Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2025.

... the thesis is us, the agent in language.

"Technique is everything that is not technique". Based on this answer given by Heidegger to the question "What is technique?", I begin the reflection of this thesis. The absurdity of the answer threw us into the abyss of the question: What is being? The question guides the intentional and intuitive path of the subject in the face of the manifestations of the object, the phenomenon of technique. The subject-object-subject-world synergy made the text a carousel of questions about everything that is not technical, but that constitutes us as people, the epicenter of sociocultural transformations. In the search for what is technique beyond technique, an enigma hangs in the air: technique, I know what it is, but when people ask me, I no longer know if it is this or that, or this and that. In the crack of the answer, everything starts to buzz once and for all in the dark, leaving only, in the silence of the lighter, the spark of the question: *What is technique?, Who am I?, What is being?*

Key words: Being; Time; Thought; Language; Technique.

*Não espere que eu escreva muito e
ordenadamente; a quietude da alma
não é nenhuma roupa de festa.*

(Goethe)

PREFÁCIO

Pensar se corrimão ?

Ouça o canto dos poetas.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, /Que outro valor mais alto se elevanta¹.

Tudo vale a pena se a alma não é pequena² nos advertiu Pessoa.

Epochè, suspenda os juízos. Viva poesia!

Leia sem pré-juízos, leia simplesmente a palavra na palavra da linguagem.

A linguagem fala.

Na experiência da palavra, traduzimos os sentidos e os sentimentos da existência no aí do vasto mundo, o todo que nos envolve.

Poeticamente o homem habita esta terra³, nos enuncia os versos de Hölderlin.

Poeticamente, o texto desta tese é um teatro cheio de portas e janelas que se abrem ou se fecham para dentro e para fora.

Teatro se origina de duas palavras gregas: *Theatron e Theastai*. Significa lugar de onde se vê.

Não depende só do dos olhos. Depende das crenças, dos mitos, das ideologias, das percepções, das sensações, da coragem e do medo daquele vê.

Todavia, diria Saramago, em “Ensaio Sobre a Cegueira”: “quem tem olhos para ver, veja, se vê, repara”⁴.

É na e pela linguagem que a coisa vela, desvela, revela-se ao leitor. *Assim é (se lhe parece)*⁵, nos diria Pirandello.

O fato é que, no estar-sendo do mundo, com o mundo, a coisa é e não é.

A coisa só é para a consciência ativa daquele que a vê, sente, repara, se perguntando pelos porquês da existência a partir do seu como. Cada ponto de vista é a vista de um ponto. Ninguém é dono da verdade, mas participa dela.

É uma consciência imanente, encarnada no sujeito que pensa de corpo e alma com os olhos e com os ouvidos; pensa com as mãos e os pés; pensa com o nariz e a boca⁶. Dança, brinca, luta com as palavras.

¹ CAMÕES, 2000.

² PESSOA, 2017.

³ Hölderlin, apud HEIDEGGER, 2006.

⁴ SARAGAMO, 1995.

⁵ *Così è (se vi pare)* (“Assim é, se lhe parece” em português), título de uma peça de teatro do escritor italiano Luigi Pirandello, escrita em 1917. [Assim é, se lhe parece - Portal do Espírito](#)

⁶ CAEIRO, 2011.

É com e pela linguagem que se busca compreender os *istos* e *aquilos* do mundo dá técnica a partir de um corrossel de perguntas, como disposto no sumário.

Mas que é linguagem?

Linguagem é linguagem, *logos*, e não pode ser definida por outra coisa que não seja ela mesma.

Linguagem, nos diz Heidegger, é a morada do ser. Sem a linguagem, o ser não existe enquanto ser compreensível e comunicável.

Habitamos na linguagem que nos habita. Por ela e nela, existimos sendo feitos, refeitos no vir a ser do mundo.

É a linguagem que organiza a experiência caótica do mundo, que dá sentido, tornando-o compreensível tanto ao olhar do poeta quanto do cientista, os espectadores.

O mundo vela-desvela-revela-se para consciência de um sujeito que intencionalmente contempla uma ideia, um fenômeno, o investiga com paciência e serenidade.

Como Yin-Yang, o que se mostra é também o que se esconde: vela, desvela, revela-se ambivalente e híbrida.

Trata-se de uma tese em que a escrita se imbrica com a vida, a ciência e a arte.

Essa ideia conjuntiva que esfumaça as fronteiras textuais nos foi despertada por Bakhtin no texto “Arte e responsabilidade”⁷. Nesse texto, o autor pondera a respeito da nossa relação não orgânica, desconectada com a vida, com a arte e com o conhecimento.

Dividido, ora se está na arte, ora se está na vida, como se a vida comum do cientista, do artista, assim como a do homem comum, não tivesse culpa e responsabilidade pelo fracasso da ciência e da arte, pela banalidade do mal.

No caminho apontado por Bakhtin, assumimos a poesia como força aglutinadora e produtiva do dizer no dizer de cada palavra feita para dizer.

Não se distraia com detalhes, citações, nomes; antes, se concentre na experiência mesma do ato de ler.

Penetre surdamente no reino das palavras.

O mundo humano é e somente é na e com as palavras. Com elas, desvelamos a nossa condição humana de seres pensantes, dubitativos, reflexivos.

A compreensão chega nas horinhas de descuidos. Não está no início tampouco no fim, mas no meio, no durar-perdurar do ato, em si mesmo, no para si mesmo.

Ler para si mesmo não tem fim, só tem começo. É fim em si mesmo.

⁷ BAKHTIN, 2012.

Abandonado a si mesmo aos seus pensamentos entrar num jogo de afetos, como se ouvisse a música de um bolero.

Dois prá lá, dois prá cá... Eu e você, na velar-desvelar do texto, somos um movimento.

Nessa dança e contradança, necessário se faz acompanhar o parceiro em seus passos, para compreender o compreender do outro na liberdade dos seus próprios passos.

Técnica é tudo que não é técnica: uma experiência poética na linguagem.

Atenção a cada palavra! Pergunte-se por elas: *que é técnica? que é ser? que é tudo? que é experiência poética? que é linguagem?*

Ler um texto é abandonar-se a ele, e deixá-lo falar.

Não tenha pressa da resposta, pois ela é sempre provisória. *Viva antes o tempo das perguntas*⁸.

A pressa é inimiga da ciência e da arte, inimiga do pensamento do sentido.

Aguarde. O inesperado sempre chega. O acaso do tempo é a nossa única matéria. Sendo assim, necessário se faz pensar sem corrimão e escrever tal qual uma lavadeira!

⁸ RILKE, 2013.

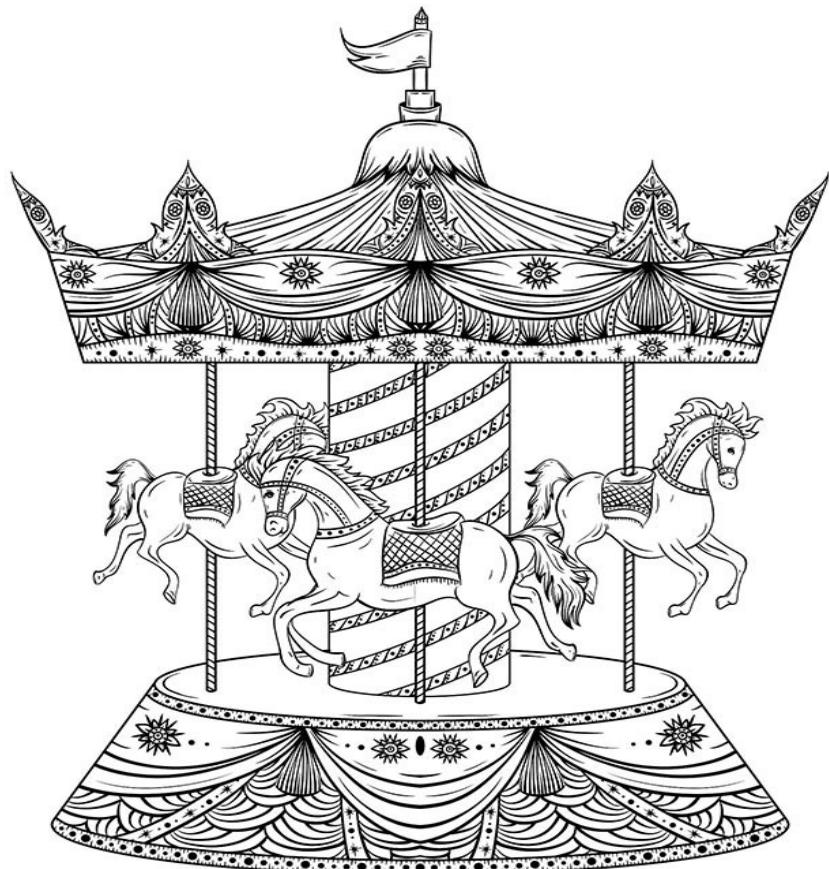


Figura 2- Carrossel

Fonte: <https://colorindo.org/wp-content/uploads/2022/06/desenho-de-carrossel-para-pintar.jpg>

O carrossel é um brinquedo montado numa plataforma circular giratória. Nele, são instalados cavalinhos de madeira que sobem e descem de galopinho à medida que o carrossel gera uma ideia na minha cabeça.

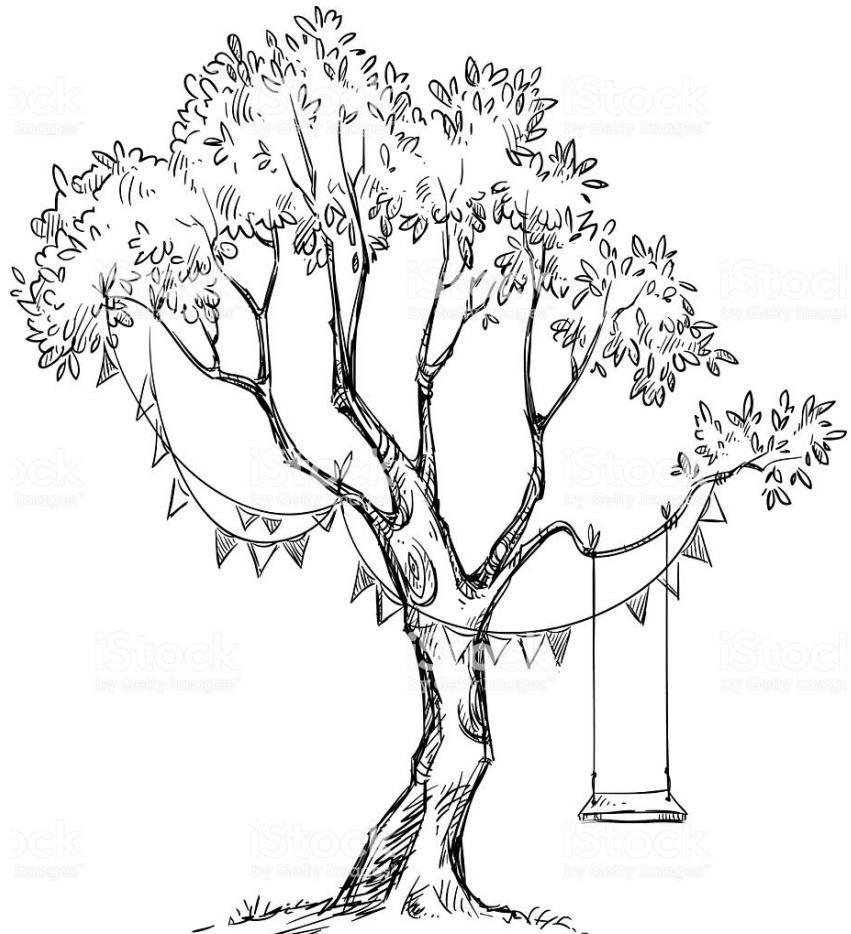


Figura 3- Árvore com balanço

Fonte: <https://i1.wp.com/onlinecursosgratuitos.sfo2.digitaloceanspaces.com/2019/08/desenhos-de-arvore-para-imprimir-e-colorir-37.jpg?ssl=1>

*Isto não é uma árvore.
Aquilo não é um balanço.*



Figura 4- Pensador moderno

Fonte: <http://www.filosofiahoje.com/2014/01/apenas-reflita.html?m=1>

*O pensamento,
como um cavalinho, galopa na linguagem.*



Figura 5 - Yin-yang

Fonte: <https://static.vecteezy.com/system/resources/previews/012/674/022/original/yin-yang-icon-yin-yang-black-and-white-symbol-vector.jpg>

*Yin-Yang
está no em si mesmo de cada coisa que é e não é.*



Figura 6 - Cebola

Fonte: <https://colorindo.org/wp-content/uploads/2022/04/desenhos-de-cebola-para-colorir.jpg>

*O ato de pensar e escrever é como descascar cebola.
Pétala por pétala.*

Prólogo

Caminho do pensamento.

Sem demora devo lhe dizer que esta tese é antes uma experiência na e com a linguagem, uma reflexão poética em torno da questão da técnica para além da técnica e nada mais.

O texto foi feito e refeito segundo a experiência, a técnica, a ciência e a arte das lavadeiras que cumprem desencardir as roupas até não restar nódoa ou gota.

Desencardir é um método austero de escrever sem enfeite a partir do banhado das palavras até o enxuto imaculado do conceito.

Desencardir é uma tarefa árdua e poética. É sacro-ofício daquele que escreve no concentrado do dizer-redizer de cada palavra.

O que se busca é o *fazer* e o *perfazer* da resposta seca à pergunta dependurada por Heidegger: *Que é ser?*

No nosso caso, não procuramos pelo *é da técnica* como se uma coisa fosse. Procuramos, sim, pelo *que é técnica*.

Uma hipótese paira no ar: aquilo que faz a técnica aparecer como técnica não é técnica.

Na pergunta pelo é da coisa, à luz do dia, a noite que veio era de lua-cheia...

No semicerrar das pálpebras, espiei pela janela e me vi admirada com uma frase gravada no peito de uma camiseta dependurada no varal da varanda de minhas lembranças.

Era uma frase jocosa que repetia como pilhória, como *meme* entre os amigos do grupo de pesquisa.

De tanto repeti-la se tornou para mim um enigma, um ponto de partida:

Técnica é tudo que não é técnica.

?

Durma-se com um barulho desse.

O fato é que de piada em piada a frase tropeçou na bacia da linguagem, lagoa sem tamanho e fundo, onde nadavam cardumes de cavalos-marinhos, girando na minha cabeça mergulhada nos livros.

Do lido, falado, ouvido, visto, de tudo ficou um pouco: uma pintura de Debret, com as lavadeiras; uma árvore; um carrossel; uma escultura de Rodin; alguns versos; imagem

de São Jorge; um panfleto; uma coruja no telhado; um símbolo do Yin-Yang; uma cebola de incertezas.

Ficaram perguntas rotas que me levaram ao rasgado do conceito, cerzido ao destino dos alinhavos da resposta jamais definitiva, antes muito pelo contrário.

Tal qual um carrossel de cavalinhos, a resposta bordada cavalga nas bainhas das saias cingidas pelo mesmo laço: *Que é ser técnica para além da técnica?*.

Uma pergunta atrevida, diria Drummond, que não está nem aí *pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres. Trouxeste a chave?*¹⁰

A pergunta, como de hábito, é simples, mas a resposta é um “ih, agora, José!?” sem fim...

A vida é assim: só travessia e veredas por onde, no leito dos rios de pensamentos, pairam asas da linguagem.

LISTA DE SIGLAS

CTUR – Colégio Técnico da Universidade Rural

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

GEPELID - Grupo Estudos e Pesquisa Sobre Linguagem e Diferenças

GER – Grupo Espírita Represa

ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais

IM – Instituto Multidisciplinar.

IT – Instituto de Tecnologia

PPEGEDUC – Programa de Pós-graduação em Educação, Demandas Populares e Contextos Contemporâneos

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Sumário das interrogações

Viva antes o tempo das perguntas.

Vida: que é? / 25

Elã vital.

Mundo: que é? / 26

Nada além de uma ilusão...

Universidade: que é? / 28

Palco polifônico.

Zelar, que é? / 29

Ética da ação.

***Dasein*, que é? / 31**

Presença: consciência de.

Texto, que é? / 31

Prosa do mundo.

Escrever: que é? / 32

Ofício de lavadeira.

Ver: que é? / 34

Olhos não bastam.

Palavra: que é? / 35

Signo encarnado.

Manual, que é? / 37

Teoria na prática.

Tese, que é? / 38

Uma declaração.

Sujeito: que é? / 39

Consciência de um objeto.

Meditar: que é? / 40

Verbo transitivo.

Pensar: que é? / 42

Todo mundo pensa.

Método: que é? / 44

Pensamento na linguagem.

Superior: que é? / 49

Um desafio sem álibi.

Tempo da Técnica: qual é? / 50

Antigamente o futuro era melhor...

Técnica só não basta: por quê? / 54

Técnica não é só técnica.

Gente: quem é? / 56

O antes, o durante e o depois.

Bibliografia / 60

Para sentar à mesa, convidamos gente para pensar com a gente a ciranda da vida que jazz guardada nos livros que escreveu no desassossego de seus sonhos, imaginações e pensamentos.

Vida: que é?

Elã vital.

Vida: elã vital que anima todos os seres desde o nascimento à morte.

Dizem os mitos, que Vida é uma dádiva da mãe-terra que com seus grandes seios alimenta e sacia os insaciáveis desejos de seus filhos na terra.

Ou isto e aquilo, ciência e mito, Vida é o império dos sentidos, dos instintos imanentes a cada ser vivo. Este, se preciso for, em sua defesa, mata sem piedade.

Tem dia da caça e dia do caçador.

Em defesa da própria Vida, bicho mata outro bicho para comer e viver. A gente não é bicho, mas pode virar.

Nessa guerra infinda de todos contra todos, viver como gente, diz o poeta Rosa, é perigoso.

A Vida não se pode defender só com palavras, diz o mestre Cabral. A Vida é severina. Exige atitudes, atos e artefatos.

Assim foi... Assim é *per omnia saecula saeculorum*.

A coragem vem do medo da fome, da sede, do frio, vem dos grotões da imaginação e da inteligência do homo *habiles* - o artífice - e do *homo-sapiens*, o poeta da linguagem.

Ou este e aquele, *habiles* ou *sapiens*, ambos no embaraço das situações, esculpem, fingem no tempo um ser vivo criativo, racional, distinto por seus feitos.

É o ser humano sendo capaz de se comunicar com palavras e estabelecer alianças, a fim de organizar estratégias de ataque e defesa frente aos rigores impostos pelo ambiente natural, do qual é predador e presa.

Com a nossa competência linguística e reflexiva, passamos da condição de meras criaturas a criadores de um mundo artificial, racionalizado e moldado à imagem e semelhança dos humanos.

Assim como é para toda gente, vivo a vida como ela é-está-sendo-feita-desfeita-refeita todos os dias: trágica, cômica, triunfante.

A Vida não é uma coisa fatal, trágica. A vida é bela!

A Vida é sonho acordado por todos aqueles que sonham.

A Vida é um movimento, um jogo de é não é para continuar sendo.

A Vida é do jeito que a gente vê, que a gente sente, que a gente tece-destece, prova-reprova-desaprova-comprova.

A Vida são atos e desacatos, não é como gostaríamos que fosse. É o que é sendo. Não

deixa barato nem fiado.

Paga-se com a própria vida. A Vida não tem preço nem cara.

No mundo da Vida mesma, cada um de nós aprende a tecer-destecer as redes de nossas existências trançadas de gente.

Somos seres naturais e terráqueos, humanos descendentes dos ancestrais que nos permitiram vir-a-ser aquilo que estamos sendo na sociedade: uma pessoa única, ímpar, incomparável e corresponsável na vida, na ciência e na arte.

Mundo: que é?

Nada além de uma ilusão...

O mundo que me parece aparece. O mundo é o que cada sujeito vê e repara¹¹.

O mundo é o próprio sujeito. É o que ele olha, é o que se vê e repara. Embora exista um mundo comum a todos, este mundo comum é captado individualmente.

Tal qual o mundo real, o digital é um mundo de aparências em que parecer e aparecer se (con)fundem com o ser... o ser do observador.

As aparências enganam/Aos que odeiam e aos que amam/Porque o amor e o ódio/Se irmanam na fogueira das paixões, canta Elis.

Tanto um quanto o outro sentimento carecem de juízos, de paciência e serenidade, de cuidados. O mundo não é uma máquina. O mundo é frágil.

Isto ou aquilo, isto e aquilo... O mundo é uma responsabilidade!

Mundo para mim é o que é para Raimundo: uma rima sem solução.

Tudo que se encontra ao meu arredor, tudo que imagino, sinto, penso, percebo, ouço, leio, sonho, vejo no cinema, na televisão, na Internet.

Mundo que vivemos, que pesa e que suportamos, como Sísifo, sobre os ombros.

Nem leve nem pesado; leve e pesado. Tem peso e contra-peso.

Num lado da balança, a pata de um elefante, no outro as asas diáfanas de uma borboleta. Quanto mais leveza, menos peso. E também o contrário.

À deriva, navegando no tapete mágico da internet, procurando a respeito da técnica para além da técnica, acabei por me dar em terra estrangeira, lá para as bandas do Oriente, cujos modos de viver, ver e pensar diferem dos nossos.

Encontrei-me com Lao-Tsé, um filósofo da China Antiga, fundador do Taoísmo,

movimento filosófico-religioso cujo objetivo é a harmonia dos contrários, a busca da paz universal imanente ao caos.

A partir desse encontro com um homem, que nasceu na China, nos anos 600, antes da era cristã, me dei conta do livro que esse pensador nos deixou por escrito.

“O caminho do Tao” é um manual de procedimento que orienta o *devir, o fluir e o refluxo* de todas as coisas.

Segundo a filosofia chinesa, o Yin-Yang são duas forças opostas e solidárias que operam a realidade fenomênica do mundo de cada ser, de cada objeto, de cada ação, de cada pensamento...

Em busca de um equilíbrio e reequilíbrio, as forças Yin-Yang sustentam-se na dualidade entre a atividade e o repouso, entre o forte e o fraco, entre o Sol e a Lua, e assim *ad infinitum*...

Tudo tem dois lados, um visível e outro oculto. O movimento visível-invisível. A coisa é e não é. A coisa é qualquer coisa, sustentada pela sua negação. Tudo tem um outro lado. Duas faces e muitas camadas.

O Yin-Yang é o princípio gerador. Está no em si mesmo de cada coisa que é e não é.

No jogo do Yin-Yang, a verdade da coisa existe na sua dualidade, na duplicidade, no seu adverso, no antagônico.

Cada coisa, no seu tempo-passatempo, pendula, perdura entre um isto e um aquilo, isto ou aquilo na impassividade absoluta de contínua transformação.

Qualquer ideia pode ser vista como seu oposto quando compreendida a partir de outro ponto de vista.

No taoísmo, essas duas energias são representadas pelo símbolo do Yin-Yang, em que uma parte oposta completa a outra em movimento.

Yin significa escuridão, sendo representado pelo lado pintado de preto, e yang, claridade.

Yin-Yang são forças contrárias que circulam, são o próprio todo em movimento constante e circular. O todo roda como um carrossel. O todo gira em cada parte no seu próprio epicentro.

Universidade: que é?

Um palco polifônico.

A universidade, o tudo que está à nossa volta, é o todo que resulta das partes, ou seja, dos setores que, no cotidiano, sinergeticamente se somam, se dividem, se equilibram, desequilibram e reequilibram nas e pelas práticas administrativas:

- a) Uma parte, constituída pelos diferentes setores, que anima e ativa o corpus universitário;
- b) e outra, constituidora desses setores, que contempla e pensa no quando, no onde, como e no por quê, estabelecendo juízos sobre as causas e suas consequências.

Sinergia significa cooperação. É o momento em que o todo é maior que a soma das partes.

Sinergia é um esforço para realizar tarefas complexas para atingir seu êxito no aqui e agora, onde tudo se encontra “no seu é pra já”, mas nunca para sempre.

O sentido da universidade se institui a partir da relação entre seus atores, instigando e articulando pensamentos e ideias.

O sentido da universidade é a educação, e o sentido da educação é a política, a formação de um cidadão livre, crítico e criativo.

No convívio público-republicano, cada indivíduo se envolve e se desenvolve no seu estar aqui, na sua própria presença, mas nem sempre em si mesmo, em seu para si.

Na inter-relação, a universidade se institui, constitui e se reconstitui como um palco polifônico de manifestações teórico-críticas de ideias, opiniões e posicionamentos políticos.

A universidade se desvela e vela como um tempo-espacó de trabalho intelectual, de questionamentos da existência humana.

Nesse sentido, o tempo vivenciado na e pela universidade é plural e diverso, sendo criado e recriado por todos que a orbitam e habitam.

A universidade é um artefato social, compreendido como produto coletivo da história humana, perpassada por confluências e conflitos ideológicos entre os mais variados grupos de indivíduos, de classes, raças e gênero.

Nesse caldeirão social, a universidade cria e recria novas visões de mundo, influenciando as práticas sociais, destarte enfrentando os desafios de uma sociedade em permanente mudança.

Nos diálogos, torcemos e retorcemos o pensamento na roupa da linguagem, no tecido da vida universitária, buscando compreender o mundo em que orbitamos e habitamos, no seu como e por quê está sendo.

Compreender, porém, não é concordar. É ver o que se dá a ver e aparece de modo dinâmico aos nossos sentidos.

Vela-se, desvela-se, revela-se.

Nunca é uma coisa só, uma só coisa. É e não é no que se manifesta, no seu sendo para mim e para o outro.

O outro, na e pela linguagem, manifesta “seu mundo” para mim.

Na linguagem, o outro fala, se revela¹²:

aparece naquilo que fala.

Sem ouvir o outro, não se pode comprehendê-lo. Ouvir o outro é comprehendê-lo na sua fala.

Compreender o outro não é concordar com o outro. É, antes, entender sem pré-conceitos, sem conceitos prévios.

Sem audição atenta às considerações do outro que nos fala, não é possível manter um diálogo respeitoso. O ouvir comanda nossos atos de fala.

Ouvir tem a ver com agir-reagir à presença sonora e semântica do outro que nos fala até mesmo em silêncio. Fala-se o tempo todo.

No bate e rebate do debate com o outro, as ideias se aclararam ou se turvam dependuradas nos fios da linguagem.

Zelar, que é?

Ética da ação.

No zelar, revela-se o despertar de uma consciência: a de ser parte de um corpus administrativo que por dever de ofício zela pelo pulsar da vida acadêmica.

O sentido da vida é formar pessoas superiores: gestores, jovens cientistas, filósofos, matemáticos, economistas, pedagogos, sociólogos, agrônomos, jornalistas, artistas, médicos, engenheiros, físicos, educadores, literatos e poetas.

Para cada ofício ou profissão, para cada ação, a palavra-chave é zelar, verbo transitivo que indica uma ação intencional, praticada direta ou indiretamente. Tanto faz. Zelar é *ethos* daquele que age.

O que importa é tomar *consciência de*, reconhecendo que cada um de nós, em nossa rotina, afeta o todo, o *corpus universitário*.

Quem zela vigia, protege, toma conta de, cuida com interesse e atenção de alguém ou de algo.

Zelamos pelas leis, pelas normas, pelos prazos, pelas finanças, pelos contratos; zelamos pela garantia de direitos e deveres para com o Estado e a Sociedade.

Zelamos pelo calendário do ano letivo, pela segurança, pela comida, pela higiene, pelo conforto.

Zelamos pela vida funcional, pela vida acadêmica de toda a comunidade.

O zelar do corpo técnico vai para além de um voluntarismo subjetivo individual. O zelar é ato objetivo, consciente, *um interessar-se por*, um administrar, um educar, um defender ou tratar de algo, alguém com empenho, diligência, precisão e rigor técnico.

O zelar do corpo técnico, que não é só técnico, mas também político, extrapola os atos burocráticos.

O zelar de uma universidade se dá a partir do seu sentido político, do instituir-constituir uma sociedade livre, fundada nas ciências, na filosofia, nas artes, na técnica, na tecnologia e nas tradições.

Na virtude ou no vício, a realidade pulsa no corpo de cada ser que inspira, respira, aspirando a uma vida melhor para um corpo ainda maior: o mundo grande.

Assim como as mitocôndrias estão para as células de um organismo vivo, todos nós, no âmbito de nossos afazeres, estamos para o corpo orgânico da universidade.

Juntos, ao agir e reagir, metabolizamos e catabolizamos as energias que pulsam, se condensam, se dissipam no tempo-espacço que habitamos: a Rural.

Percebo que nós somos corresponsáveis pelo equilíbrio do *corpus universitário*, favorecendo ou não seu desenvolvimento, sua produção-reprodução, regeneração-manutenção das funções vitais de uma sociedade.

Embora consciente dessa corresponsabilidade que nos compete, desconfio que o saber apenas técnico não basta. É preciso um operar para além de um simples agir técnico.

Junto aos meus companheiros e companheiras, o ofício de técnica está para além de uma mera execução de tarefas, para além do prescrito nos hábitos, costumes, nas normas, regras e leis.

Dasein, que é?

Presença: consciência de.

Em seu poema “Resíduo”, Drummond nos dá a compreender o *Dasein*, o nosso ser e estar no mundo junto às coisas passadas-presentes, pretéritas de esperanças futuras.

Drummond evidencia o óbvio ululante: sempre fica um pouco de tudo que nos acontece ... Coisas de *Amor mundi*.

Desse pouco, por exemplo, fica o meu queixo no queixo da minha filha. Fica um pouco de tudo até no pires de porcelana, onde mora um dragão. Fica um pouco de tudo nas rugas da nossa testa, retrato do tempo encarnado, (des)materializado na mudança.

Na vida de cada pessoa, tudo que passa fica um pouco, às vezes quase nada. No entanto, ainda que pouco, isso é o bastante, nos constitui inacabados.

De tudo ficou um pouco: de mim, do meu pai, de minha mãe, de minha filha, de minhas irmãs, dos amigos, dos colegas de trabalho.

De tudo fica um pouco, muito pouco, às vezes um olhar, um sorriso, uma lágrima, um abraço, um tapa, um afago, um beijo, um bom dia... Tudo fica então boiando na memória: o joio e o trigo.

Resíduo é um relicário de minúcias depositadas nos acontecimentos mundanos da vida de qualquer ser vivo.

Foi desse resíduo que foi fiado e desfiado o texto que virou colcha de retalhos.

Texto, que é?

Prosa do mundo.

Textos são prosas do mundo, são tapeçarias bordadas de contextos, cenas da imaginação humana que são expressas e impressas com palavras.

Não importam quais sejam: prosaicos, científicos, poéticos... Todos, à sua maneira, dão sentido ao habitar volátil e fútil dos humanos na terra.

Sem eles, o mundo, como se diz, não teria uma história, um passado que resulta num presente que já passou *fingindo* a matéria.

Textos são artes do fazer durar o perecível dos acontecimentos humanos.

Textos são modos de dizer por escrito o sentido do vivido.

Textos são produzidos a partir de uma vontade, de uma necessidade humana de existir,

de perdurar.

Não basta saber escrever um texto corretamente, pois correto não quer dizer verdadeiro.

Para além do texto, há uma ética, um compromisso categórico com a vida: dizer a verdade, defendê-la!

Em um texto, dizer toda a verdade nem sempre é possível, porém é necessário buscar dizê-la.

A verdade dá direção, sentido e caminho tanto ao poeta quanto ao cientista.

A verdade é estrutural. Campo de lutas e disputas pelo real.

A verdade é causa final, o sentido do texto: dizer a verdade já se estando no verdadeiro.

Para encontrá-la, caso venha, é preciso antes se encontrar no jogo do falso-verdadeiro. Joio-trigo. Isto-aquilo.

A partir dessas relações tramadas na trama da palavra, o autor nas palavras se revela criador e criatura. É o próprio texto.

Escrever: que é?

Ofício de lavadeira.

A escrita é a pele que capta os vividos do vivente e os arquiva na memória do papel.

Ela é o nosso invólucro protetor contra agentes do meio ambiente, contra as coisas que não se vêem a olho nu, mas que existem, como as bactérias e os vírus.

Na pele, se amalgam os vestígios do tempo. Quase tudo é uma questão de pele, de saber traduzir os sinais que ela nos emite.

Escrever é uma ação sensível e inteligível de traduzir, por meio do pensamento em palavras, as sensações, as afecções e os afetos inefáveis da pele

As palavras guiam o pensamento. O pensamento, por sua vez, guia as palavras.

As palavras me guiam em direção a algo. Não são coisas que vejo com nitidez. Vejo, não vejo. Só vejo quando as sinto, sou atingida por elas.

Vejo a vida!

Vida que, do pó ao pó, retorna sempre. Vida que forma, conforma, des-conforma, torna, retorna. Ou isto ou aquilo. Isto e aquilo.

No drama, na comédia, na tragédia, no todo da vida, jogados no aí, vive-se de qualquer jeito e de muito jeitos.

E, depois da morte, vive-se na memória, na lembrança das coisas que ficaram: às vezes um botão, um retrato, um pano de prato, uma receita, um conselho.

Foi a partir de filósofos, literatos e poetas que, feito criança nascida deveras, passei a me espantar pela eterna novidade do mundo.

Interessei-me pelo sem fundo, que não tem fim nem começo, pelo original, inédito, singular, excêntrico, raro, peculiar, esquisito, estranho... único exemplar.

A pergunta pelo é da coisa, pelo originário do ser, nos impõe a todo instante a escolher, entre isto e aquilo. *Ou se calça luva ou se usa o anel*¹³.

Como Cecília, passamos a nos perguntar e até nos lamentar por isto ou aquilo, isto e aquilo que nos aparecem depositados na superfície das coisas. Para ela, apontamos o dedo, nos questionando.

Que é *isto*? Que é *aquilo*?

Foi aí nesse apontar de ideias misturadas, sobrepostas sem respostas que mergulhei nos mares da vida e me encontrei acompanhada - e sendo perseguida – por um cardume de perguntas, cujas respostas escapavam a todo momento para águas mais profundas.

No vazio, no fundo ou raso, ao fim e ao cabo, o tesouro que mirava no profundo brincava de pique-esconde no raso. Era uma água-viva em meio a tantas outras águas que no nada nadavam

Algo que se mirava no borbulhar das sensações não era isto tampouco aquilo, mas isto e aquilo que ondulavam em meio a infinitas possibilidades.

Nesse tremular entre luzes e sombras, vamos aprendendo a nadar no caudaloso confuso do mundo.

Vamos aprendendo a mirar, desde o raso, o pró-fundo que não se pode ver a olho nu, mas se pode pensar, duvidar ou afirmar a partir do que se manifesta aos nossos sentidos: a coisa em si no seu movimento aquoso-airoso.

Nem isto nem aquilo: algo mesmo em si mesmo no seu próprio movimento.

Na escrita desta tese, apendi que o começo não está no começo, mas numa travessia, no encaminhar do pensamento pela linguagem, no avanço das ideias.

O caminho percorrido foi a partir de pensadores que me chegaram por vários canais: livros, *podcast*, palestras, vídeos, conversas com o grupo de pesquisa, com os amigos e amigas. De tudo ficou um pouco.

O que vale é pensar na e com a linguagem.

Na e com a linguagem, nossos pensamentos vão e vêm na busca pela compreensão da técnica para além da técnica, na essência da técnica, eu mesma.

Escrever é mais que um mero ato burocrático. É um escrever-reescrever.

Escrever é uma arte que está para além da técnica. Aescrita de Graciliano é um exemplar.

Escrever é trabalho de lavadeira. Escrever é mais que um ato mecânico. É um cuidar das palavras. É um *pensar em*.

No texto *As lavadeiras*, Graciliano Ramos descreve o que é o escrever a partir do lavar roupas. Observando as lavadeiras na beira do rio, Graciliano constatou que elas seguem um passo a passo:

- Dá-se uma primeira lavada, molhando a roupa suja;
- Depois, molha-se a roupa novamente e volta a torcer;
- Coloca-se o anil, ensaboa e torce uma, duas vezes. Depois enxágua;
- Em seguida, dá-se mais uma molhada, agora jogando a água com a mão;
- Após isso, bate-se o pano na laje ou na pedra limpa, e dá-se mais uma torcida e mais outra, até não pingar do pano uma só gota;
- Somente depois de feito tudo isso, dependura-se a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Esse passo a passo é a técnica para além da técnica de um escritor: escrever sem enfeitar.

Quem se mete a escrever deveria fazer a mesma coisa!

Ver: que é?

Olhos não bastam.

No *Ensaio Sobre a Cegueira*, Saramago, sem qualquer metafísica, nos dá a regra de nossa condenação: a de que temos olhos.

Todavia, ter olhos sãos não basta. Precisamos, antes pousá-los, detê-los à coisa mesma, tomar *consciência de*, apreender o sentido de sua existência, afetar-se com. Responder a.

Ver-reparar é ato epistemológico, arquitetônico, intencional, hipotético, ensaístico, estético e, sobretudo, ético.

A arte de ver é simples, porém complexa, util. É arte! É obra! É ação!

Ver-rever-transver, instaurar-restaurar a partir do como e dos porquês das coisas que

não são em si, já que só as são no sendo, na sua eterna novidade. No seu paradoxo de permanência e mudança.

Parmênides e Hieráclito empatam. O mundo é isto, mas também aquilo: permanência e mudança: (im)permanente.

Palavra: que é?

Signo encarnado.

Em *Procura da poesia*, Drummond nos ensina a chegar mais perto das palavras para admirá-las, contemplá-las, acordá-las, recordá-las, ouvi-las, como se as ouvíssemos pela primeira vez.

No cotidiano, no miudinho das horas, a palavra se repete nunca. Em cada caso, é a mesma, mas sempre outra em que ela é pronunciada, entoada e entonada.

A palavra é social, contextual, política, convencional; expressa a vida de um povo, uma comunidade de falantes.

A palavra, encarnada na cultura, na arte, na ciência, na linguagem, depende do contexto da enunciação, depende da verbalização do sujeito, do lugar de fala de cada falante.

A palavra muda o lugar, e este por sua vez muda a palavra.

A palavra não é uma coisa, mas signo encarnado num sujeito que fala. Até mesmo quando não fala, a linguagem fala na palavra que fala nele.

A palavra é um acontecimento da linguagem, uma experiência do sujeito-humano na e com a linguagem.

Uma tese é uma experiência com palavras, em relação ao dizendo *continuum*: rio da linguagem.

Cada palavra é chave de um mistério que abre um sentido em direção ao abismo do entendimento de ser-humano no e com o mundo.

A palavra é axé, signo misterioso, alquímico, ideológico por excelência que nos inventa.

Se somos inventados e criados pela palavra, sem ela não podemos conhecer o mundo em que vivemos.

A palavra, assim como o som, ao passar de um meio a outro, se refrata, se adensa, se condensa, se esfria, se esquenta, se requenta, se desvirtua, muda de cara.

A palavra tem mil faces. É manipulável, está presente em tudo. É ubíqua.

As palavras são axés capazes de mudar a aparência de algo ou de alguém.

As palavras são forças capazes de desvelar-velar as aparências do mundo.

A palavra não é essência de coisa alguma, ideia fixa... É signo vazio capaz de captar os movimentos dialógicos e dialéticos das transformações sociais, políticas, técnico-tecnológicas, artístico-culturais.

A palavra é humana, divina e mundana, ficciona a realidade percebida, sentida, intuída pelo sujeito-humano que a interpreta, usa e abusa a partir de um determinado ponto de vista.

A palavra, para Heidegger, é *poiesis*, é criação, produção, iluminação, desvelamento e velamento do real. Luz e sombra.

As palavras mais simples são as mais difíceis de serem compreendidas. Pensando sabê-las, não lhes damos o devido respeito e atenção.

Ao contrário do vulgo, o poeta, o filósofo, o político, o jurídico, sabem que as palavras têm mil faces, muitos sentidos.

As palavras variam conforme o contexto de sua enunciação e sempre conforme as posições e intenções dos interlocutores.

Bakhtin nos diz que não falamos apenas palavras.

Quando falamos, expressamos nossas visões estéticas, éticas e morais. As palavras são mais que a definição do dicionário. No dicionário, elas estão congeladas e conservadas.

Na vida da fala, as palavras são dinâmicas, polissêmicas, familiares estranhas.

Nos dicionários e na vida, palavras são explicadas por outras palavras. Palavras explicam palavras que explicam o mundo inexplicável.

O real não existe fora da palavra do sujeito.

O real é objetivo-subjetivo, intersubjetivo percebido e criado-recriado na, pela palavra encarnada no sujeito da linguagem.

O real é tudo que está no e fora do sujeito¹⁴. O real é o pouco que ficou boiando na embocadura dos rios da memória, percebido na e pela linguagem que lhe dá forma e conteúdo.

Essas teses sobre a palavra são urdiduras de pensamentos que se teceram nos diálogos travados com filósofos, poetas, escritores que trazem para perto de nós aquilo que nunca está longe do nosso mister: a linguagem.

Manual, que é?

Teoria na prática.

A palavra manual primeiramente nos chega como o que se faz com as mãos, o que se trabalha e pode ser levado às mãos, nas mãos. É o que *está em posse e ao alcance de*.

Manual é uma obra que reúne informações técnicas dispostas de forma sistematizada, criteriosa e segmentada, atuando como instrumento facilitador de uma ação.

O manual tem por objetivo nos orientar na execução de uma tarefa ou função para uma melhor gestão das ações, seja de um setor ou de um departamento.

Os manuais são obras de caráter dinâmico. Mudam no tempo conforme circunstâncias e necessidades.

Os manuais são produzidos e inventados no espaço-tempo das instituições no âmbito das inter-relações pessoais.

Os manuais são poéticos, mas escritos em linguagem técnica, simples, precisa, clara e objetiva, visando à compreensão universal.

Os manuais são meios de informação, de comunicação, de gestão e de digestão do conhecimento. Mostra a teoria na prática ou vice-versa.

Tendo em vista uma comunicação clara e precisa, tudo o que já foi pensado e criado pode ser racionalizado e informado pela lógica da linguagem de um manual.

O objetivo do manual é mostrar um caminho descritivo e narrativo de execução, orientado por um pensamento técnico e lógico, expresso por uma linguagem técnica.

A partir desse objetivo foi pensada a arquitetônica circular desta tese: escrever sintética e claramente, *estando em posse de, em domínio de, próximo a*.

O que se narra-descreve e se encontra ao alcance é o vivenciado na Rural: a minha história individual e coletiva como técnica-administrativa.

São detalhes da vida de uma técnica: eu mesma no âmbito dos meus afazeres no aberto do mundo. Na imanência.

É o em si, por si e para si, a partir do qual se busca compreender o que se faz, com se faz e por que se faz.

Todavia o sentido deste suposto manual não está na execução de algo prático que oriente um fazer de outrens. Está no concentrado de um pensar *a partir de*.

Não é um meio para atingir um fim. É um fim em si mesmo, um meditar-pensar-repensar, um questionar-questionar-se.

A tarefa deste manual é defender a tese: existe algo para além de algo.

É a partir do que busco e que questiono – compreender-me como técnica para além da técnica - que traço de próprio punho as linhas tortas deste automanual.

Tese, que é?

Uma declaração.

Para defender, pensei com meus botões: preciso saber aquilo que entendo por tese.

Perguntei aos dicionários que me responderam com simplicidade: tese é uma proposição. Uma sentença declarativa de um sujeito que toma como ponto de partida pensar a existência possível de algo ou alguém.

Pensar uma existência possível supõe um esvaziamento de si para si, um pôr-se à disposição ao maturar de ideias...

É esquecer – não esquecendo - tudo que andam dizendo por aí.

Drummond defende, por exemplo, uma tese sobre o que é poesia. Para o poeta, poesia não é isso nem aquilo que já pensamos saber.

Diante do nada da poesia, imperativamente ele nos grita aos ouvidos:

- Penetra surdamente no reino da palavra.

Essa é uma tese radical que se sustenta no vazio lavado, enxuto dos conceitos sem pré-conceitos: a palavra nua, crua e cruda, oferecida em estado de dicionário.

Temos teses de tudo e para tudo.

Teses são enunciados verbalizados, constituídos de sujeito e predicado.

Tese é uma frase verbal, um enunciado encarnado nas palavras de um sujeito que fala, que se revela no mundo e com o mundo.

Tem sujeito que sustenta a tese que o mundo não tem jeito. Outros creem que um outro mundo é possível e há ainda quem crê que sequer mundo existe.

Quem de fato estará com a verdade e poderá afirmá-la? Quem poderá confirmá-la?

A verdade existe? Existe sim, só que nenhum indivíduo ou grupo poderá detê-la em absoluto.

Sujeito: que é?

Consciência de um objeto.

Nos dicionários, há os seguintes significados para essa palavra: indivíduo dependente, súdito, vassalo; pessoa indeterminada e até inexistente.

A expressão de sujeito de que mais gosto, no entanto, é a de sujeito no sentido de imprestável.

O sujeito é imprestável, não serve para nada, não é ferramenta, objeto de uso ou meio, mas um fim em si mesmo.

Sujeito é sujeito.

O sujeito, na fenomenologia, é para um objeto e vice-versa.

Para Aristóteles, o sujeito é um ser real, um ente, ao qual são atribuídas qualidades ou acidentes, predicados.

O sujeito não é, só é no sendo e se manifesta por muitos modos. Ser é estar sujeito à vida, à arte, ao conhecimento e autoconhecimento.

No movimento do ser-sendo, nas afecções e afetos, constituem-se os predicados, os atributos do sujeito, o modo como ele aparece, emerge...

É na linguagem que o sujeito se revela (Bakhtin).

O sujeito é linguagem, e a linguagem fala (Heidegger).

O predicado é tudo aquilo que se afirma ou se nega a respeito do sujeito.

O predicado revela o sujeito.

O fato é que sobre o sujeito recai todas as virtudes, todos os vícios, benefícios e malefícios que há no mundo.

Compreender o sujeito, como diz Arendt, não é concordar com ele nem tampouco condená-lo, prejulgá-lo com nossos pré-conceitos e preconceitos.

Sem álibi, o sujeito é um ser fático e trágico, responsável por e, portanto, também culpado. Essa é uma tese defendida por Bakhtin.

O sujeito é responsável pelo modo que responde à vida.

Na pólis, na vida política, o sujeito é personagem e autor principal da oração. O sujeito fala, expõe suas teses, seus lugares de falas.

Juridicamente, o sujeito é “Titular de um direito”, um indivíduo considerado por si mesmo, criador e criatura *responsável por*, livre para deliberar, porém submetido às leis, às

regras e aos costumes.

O sujeito é antes um indivíduo humano conhecido pela sua existência social, singular, única, diferente de todos os demais.

O sujeito imbricado no indivíduo institui o cidadão-cidadã, o agente das transformações culturais, sociais e políticas.

Meditar: que é?

Verbo transitivo.

É hábito que se adquire pelo rito, pelo contato imediato no pulsar-respirar-espirar-inspirar do viver, do estar-sendo no e com o mundo.

Quando medito, me encontro entregue aos bons e aos maus pensamentos... Sou, como Caeiro, guardadora dos meus rebanhos, pastora e ovelha, mestra e discípula. Sujeito e objeto.

O rebanho é os meus pensamentos/E os meus pensamentos são todos sensações/Penso com os olhos e com os ouvidos/E com as mãos e os pés/E com o nariz e a boca¹⁵.

Quando medito, penso meus pensamentos, sinto meu corpo inteiro, sou para mim mesma, sou o que percebo, sou o que me afeta e se manifesta na minha pele, no meu intelecto.

Há um bom tempo venho me ocupando com a técnica para além de uma dimensão puramente técnica.

Confesso que, apesar do vivido na flor da pele como técnica, ainda não sei direito o que de fato quero dizer com isso e aonde quero chegar... Há uma mistura de certeza e dúvida.

E sorrindo vagamente como quem não comprehende o que se diz/ E quer fingir que comprehende¹⁶. Pró-sigo mesmo assim.

Intuitivamente sei o que é técnica, mas, quando me perguntam, já não sei mais.

Perguntas abalam minhas certezas. Acho que isso ocorre com qualquer pessoa que se pergunta.

Só sei que não posso pensar fora de mim, fora da linguagem. Fora do diálogo comigo mesma.

Meditar é verbo (in)transitivo, interativo, ativo, optativo, ação

(in)transferível.

Meditar é um colocar-se à vontade em direção ao eu interior, à disposição de uma experiência com o ainda não sabido.

Eu medito a partir dos fenômenos que me afetam no dia-a-dia, me alegram ou me entristecem. Eu medito a mim mesma, em minha presença falo comigo em silêncio. Penso alto meus pensamentos. Pergunto-me:

Que é ser técnica? Que é técnica? Que é ser técnica para além da técnica?

Meditar é fluxo interativo entre sujeito-objeto que cria e dá sentidos às coisas que são contempladas, admiradas com inocência e liberdade de olhar.

Meditar pode significar várias coisas: *preparar-se para... ocupar-se de... dispensar cuidados a... refletir... dedicar-se a...*

Em todas essas expressões, há de se perceber exercício arbitrário das próprias razões. E, nesse sentido, como tudo na vida, meditar padece de equívocos.

Meditar é um exercício interativo e repetitivo de etapas ou ciclos, visando compreender fenômenos que se manifestam no arrebanho dos meus pensamentos intuídos.

Meditar envolve um estado de contemplação de um determinado fenômeno ou objeto a fim de alcançar, pela intuição, um estado de clareza mental a respeito de algo ou de alguém.

O ato de meditar ocupa-se de si mesmo.

O ato de meditar não serve para nada. Não é útil como uma vassoura, um chinelo, um celular, um foguete.

Meditar é um contemplar(-se), prostrar-se diante de, abandonado ao infinitivo do verbo ser.

Meditar e pensar são sinônimos, mas não exatamente a mesma coisa.

Meditar pressupõe um preparo, uma iniciação que não acontece espontaneamente, mas pelo hábito e pelo rito, pelo recolhimento...

Pensar: que é?

Todo mundo pensa.

Pensar é uma habilidade inerente ao ser humano, permeia e entremeia todos os instantes de nossa vida.

Embora precisemos aprender a pensar, pensar não exige preparo. Somos dotados de *logos*, de pensamento e linguagem.

Pensar está presente em todas as atividades e decisões que tomamos.

Pensar é uma tarefa fundamental. Não pensar é fatal.

Meditar, embora necessário, é opcional.

Meditar é um verbo que enuncia um estado de espírito: uma presença viva não ativa do sujeito passivo conectado ao seu eu interior.

Quando medito, converso comigo mesma e me concentro no opaco do espelho depois do banho.

Eu me vendo “eu”. Recolho-me para acolher o pensamento. É o nada fazer com paciência e serenidade.

Pensar é uma ação comum, um modo de ser humano. Eu penso, tu pensas, ele pensa, nós pensamos, vós pensais, eles pensam.

Pensar é corriqueiro, usual, comum, trivial, casual, contingente ...

Pensamos até mesmo quando pensamos que não pensamos.

Pensar está presente em todas as áreas da vida humana. Pensamos.

Viver sem pensar, sem meditar, sem refletir a existência é perigoso, nos banaliza e nos desumaniza.

Pensar é uma função lógica, emocional e intuitiva.

Pensar é uma técnica de sobrevivência que inclui os valores (morais, éticos e estéticos) e a capacidade de passar do pensamento abstrato para a ação concreta.

Pensar é fundamental para a compreensão do real: é um pré-requisito para o conhecimento de algo ou alguém.

Do ponto de vista filosófico, o pensar é ir à busca por verdades, pelo é das coisas na própria existência.

Pensar, do latim *pensare*, significa pesar. Deriva do substantivo *pensus* que está, por sua vez, relacionado ao ato de pesar algo no sentido de avaliar, de considerar diferentes aspectos antes de se chegar a uma determinada conclusão.

Tenho pensado na técnica, tenho pesado a relação da técnica com a técnica, mas sem

pré-conceitos para com a técnica.

Na polifonia e na polissemia do uso da palavra “técnica”, há um caos, uma ordem de perguntas.

De que técnica se trata?

Da técnica eu mesma ou da técnica que não sou eu?

O que está para além da existência de uma técnica?

O que está para além da técnica?

Para além da existência da técnica, o que há?

Há técnica e técnica. São as mesmas, mas não exatamente.

O que se pensa sobre conhecimento técnico toma como base a técnica. Só há a técnica ou o técnico, porque o saber técnico é o seu originário.

Desse modo, técnica é a origem da técnica e do técnico, e vice-versa. Tanto faz, tanto fez. Ambos se implicam, se retroalimentam mutuamente e se aperfeiçoam.

Perguntar o que é técnica é perguntar por sua essência, onde ela vigora: na técnica. Técnica, para Heidegger e também para nós, é técnica naquilo que ela é: técnica.

A técnica é uma questão de linguagem. Pensar na essência da técnica é pensar em tudo aquilo que não é técnico.

Mas, então, que diacho é esse de procurar uma coisa que não existe? Uma coisa que não se pode encontrar nem mesmo entre os semelhantes.

*Ser ou não ser, eis aqui a questão*¹⁷. A questão pela pergunta do ser. Que é isto de ser técnica para além da técnica?

Na pergunta, há a dúvida de uma certeza, uma hipótese: de que jaz algo para *além* de algo, conforme o exemplo da árvore.

*Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.*

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

*Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar*¹⁸.

Bertolt Brecht

Método: que é?

Pensamento na linguagem.

Escrever a pesquisa é pastorear os pensamentos, vigiá-los no próprio viger da linguagem.

O método desta tese é intuitivo, imanente, intencional. Pensa-se *a partir de*, a partir das coisas mesmas, nelas mesmas, sem a priori.

O que se manifesta e nos afeta nos faz perguntar pelo “é da coisa”, pela sua origem.

A “coisa” é a ideia que se tem da coisa: o fenômeno.

Na fenomenologia, não existe consciência no vazio, mas *consciência de algo*: questão chave do método.

É um aprender a ver e a pensar o que se mostra no próprio movimento do seu mostrarse cotidiano.

É com essa concepção metodológica de investigação que intuímos esta tese: uma obra nascida da vontade de conhecer e se autoconhecer, a partir de experiências e vivências na Rural.

Tal e qual Saramago¹⁹, naveguei no mar do passado continuamente transformado e tão fugidio como o próprio tempo.

Saramago me fez compreender que fisicamente hábito um espaço, mas, sentimentalmente, sou antes habitada por uma memória temporal e espacial.

A unidade tempo-espacó é uma dimensão constitutiva das narrativas que definem os rumos de uma trama²⁰.

O tempo e o espaço são instâncias nas quais entendemos as coisas e a nós mesmos²¹.

É nessa unidade imanente de tempo-espacó que busco compreender que é ser técnica para além da técnica na UFRRJ.

Na dimensão tempo-espacó, voltei-me para as minhas lembranças e memórias. Daí a importância de escrever para me compreender enquanto técnica, enquanto servidora pública.

Imersa na vida cotidiana, na busca pelo autoconhecimento, ouso ouvir a fala da técnica.

É a técnica se percebendo no e com o mundo, em suas inter-relações, voltada para as próprias vivências e experiências.

No método fenomenológico, o processo de desvelamento e velamento é constante, diário, necessário e irrepetível.

Infindo..... A caminho da técnica o real não está no início nem na chegada, mas na travessia.

Nas encruzilhadas do tempo, as histórias são contadas. Histórias do comum, do miudinho diário-extraordinário que moldam a existência de uma pessoa de um povo. De uma gente.

É uma história ordinária, diria Michel de Certeau, lá na invenção do cotidiano. É uma história encarnada que se passa no tempo da memória que ficou.

É a minha história, parecida com as de muitas outras pessoas. Portanto, histórias que se cruzam sob a perspectiva do tempo.

No tempo dos acontecimentos, “De tudo fica um pouco [...] pouco, muito pouco”, nos lembra Drummond.

Lembro-me pouco do muito pouco do pouco que ficou. Mas, mesmo que pouco, ficou o necessário, como ouvi de Benjamin: “tudo que foi um dia, terá a sua festa de ressurreição”.

Hoje resolvi contar a minha história ordinária, mas é da ordem do ordinário que se vai ao extraordinário.

Faz 20 anos. Ano 2005. Primeiro Governo Lula.

A esperança brilhava, sem medo de ser feliz, mas eu ainda não. Não havia motivos. O que havia, sim, era um nada de vontade.

Vivia prostrada no sofá... Olhar desanimado, perdido no nada, desesperançada. Preferia não.

Olhava para a parede, distraída, pausada naquela velha gravura de São Jorge Guerreiro, montado em seu cavalo branco, com sua capa vermelha, lança em punho, eternamente lutando contra o dragão da maldade.

Olhava apenas... O clima era de tristeza vazia, de melancolia. Fazia calor. Abafada, me abanava, com uma capa de revista.

O ventilador havia ido para o conserto. Suava em bicas e me empapuçava de refrigerantes e guloseimas.

Conforme os horóscopos das revistas femininas, estava no meu completo inferno astral. Faltava a revolução solar, mas quando? No meu caso, não saberia dizer como e quando aconteceria, se aconteceria...

Eis que um dia, naquele dia, no de repente, minha mãe entra na sala. Vem da cozinha, vem das compras que fora fazer no bairro. Traz umas sacolas de legumes de verduras e frutas.

Minha mãe, pondo a bolsa em cima da mesa, óculos, carteira, senta, em silêncio, em uma cadeira, contando umas poucas moedas, e fala: “A vida está cada dia mais cara, os preços

estão pela hora da morte”.

Além de legumes, frutas, trazia verduras de notícias escritas em um jornalzinho. É um desses que se distribui nas ruas, espalhando notícias, anúncios e conselhos que ninguém liga, mas que acabam entupindo os bueiros, alagando as casas.

Não trazia só comida. Trazia preocupação, e também esperança.

Minha mãe olhava e falava com a mão levantada, gesto que eu fingia não ver por me sentir constrangida, amuada com o que ela acabara de dizer: “A vida está cara...”.

A vida estava sendo aquele dragão de São Jorge pregado na parede ao lado do sofá vermelho.

Qual o valor da vida, qual o seu preço? A vida só vale a pena se bem vivida. Perguntas, como línguas de fogo, fumegavam minha cabeça, que doía.

Não era a primeira vez que ouvira a expressão, mas não sei por que daquela vez foi diferente.

Bateu o peso da realidade: “A vida está cara!”. Corria-se o perigo do dragão da sobrevivência.

O que seria nosso amanhã? Quando afinal conseguiríamos consertar o raio do ventilador? O fim já se anunciava perigoso e penoso, mas, como diz Hölderlin, onde há o perigo há o que salva. Senti que algo estava para acontecer.

Em pé no meio da sala, em frente a mim, segurando o jornal, mamãe se aproxima e serenamente fala: “Carolina, li uma coisa aqui que, talvez, quem sabe, possa te interessar. Aponta com o dedo: “Toma! Lê!”: *Pré-vestibular gratuito será ministrado na Escola Municipal Monteiro Lobato.*

A palavra “gratuito” logo me chamou a atenção, já que tinha interrompido os sonhos exatamente por causa da grana. “Gratuito” foi música para meus ouvidos, farol alumiano o mar de minha desilusão.

A vida está cara, mas ainda tem gente que quer barateá-la. Mesmo assim, naquele momento, a minha não estava valendo nada.

Ninguém compra desgosto. O desgosto é um dragão que nos devora por dentro, nos queima por fora. E não era sem razão. Não era mimimi. Era vida real. Estava decepcionada, abandonada, desempregada, arrasada sem perspectiva alguma de futuro.

Abandonada naquele sofá da sala, sem trabalho, sem vontade de nada, vivia às expensas de minha mãe, maldizendo a vida, os preços das mercadorias, o peso das despesas domésticas: água, luz, telefone, passagens, remédios etc.

No fim do salário, sempre sobrava mês. O dinheiro era pouco, não dava para pagar um

curso de pré-vestibular em uma escola particular. Aquele era o primeiro que fiquei sabendo.

O fato é que a notícia mexeu comigo e reacendeu em mim o sonho quase impossível de fazer um curso superior, sem pagar nada.

Talvez, assim, com um curso superior, as coisas melhorassem, e conseguisse arranjar um emprego que me proporcionasse uma vida digna e autônoma.

Talvez tivesse dinheiro para comprar um bom aparelho de ar condicionado que, na televisão, transforma qualquer lugar em uma linda paisagem de montanhas, parecendo um paraíso, uma vida cara, mas sem preço.

A notícia dizia que o curso era preparar os jovens para as universidades públicas com objetivo de atender prioritariamente os filhos e filhas da classe trabalhadora.

Eu era uma dessas filhas, uma das herdeiras.

A notícia parecia ter sido escrita para mim, e foi...

Foi essa notícia que me abriu as portas da esperança, me fez alçar daquele sofá e ir à luta cumprir, assim, o sonho de fazer um curso superior, arrumar um emprego para encontrar o paraíso... Sonhar a realidade!

O real era o sonho concreto de ser feliz.

Surgia então a esperança de um recomeço, como diz Zé Celso, de reexistir, ser resiliente, conforme diziam as canções que soavam alto no rádio do vizinho.

“... Afinal de contas não tem cabimento entregar o jogo no primeiro tempo [...]”.

“Nada de morrer na praia”.

“A gente vai à luta, a gente se dá bem, não desejamos mal a mais ninguém”.

Naquele exato momento, minha mãe, em voz alta rezava a oração do santo guerreiro.

Ela orava contra o dragão da maldade da “vida cara”:

“Ó meu São Jorge, meu Santo Guerreiro e protetor, invencível na fé em Deus, que por ele sacrificou-se, traga em vosso rosto a esperança e abre os meus caminhos. Com sua couraça, sua espada e seu escudo, que representam a fé, a esperança e a caridade. Eu andarei vestido, para que meus inimigos tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me enxerguem e nem pensamentos possam ter, para me fazerem mal. Armas de fogo ao meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrarão sem ao meu corpo chegar. Cordas e correntes se arrebentarão sem o meu corpo tocar. O Glorioso nobre cavaleiro da cruz vermelha, vós que com a sua lança em punho derrotaste o dragão do mal, derrote também todos os problemas que por ora estou passando. Ó Glorioso São Jorge, em nome de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, estendei-me seu escudo e as suas poderosas armas, defendendo-me com a vossa força e grandeza dos meus inimigos carnais e espirituais. Ó Glorioso São Jorge, ajudai-me a superar todo o desânimo e a alcançar a graça que

agora vos peço (faça o seu pedido). Ó Glorioso São Jorge, neste momento tão difícil da minha vida, eu te suplico para que o meu pedido seja atendido e que, com a sua espada, a sua força e o seu poder de defesa, eu possa cortar todo o mal que se encontra em meu caminho”.

Renasci das cinzas! Terminei o pré-vestibular. Fiz o vestibular. Lembro bem disso. O céu estava nublado, ventava. Caneta para preencher o cartão das respostas, chicletes para distrair, água e um pacote de bolachas.

Na primeira etapa, o local da prova foi no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Campus Seropédica, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Recordo-me bem daquele momento, pois não tinha como esquecer. Naquele dia, da beira de um telhado, uma coruja me espreitava. Pensei: é sorte ou azar, vamos nessa! Fiz a prova e passei na primeira etapa.

Meu coração encheu-se de alegria: era a esperança, matando o dragão do medo. Na segunda fase, era só não zerar de acordo com a relação candidato-vaga.

Passei, passei! Foi assim, a galope, que cheguei em casa, abracei e beijei minha mãe, agradecendo por me trazido aquele jornalzinho de bairro, que anunciaava pela primeira vez um pré-vestibular voltado para os jovens da classe trabalhadora.

Passei!! Passei para a Rural! Passei para uma universidade federal. Passei para o ensino superior, e o curso escolhido foi Licenciatura em Pedagogia.

Esperar até o primeiro dia de aula foi uma eternidade, mas chegou. Chegou pela boca de minha mãe com um jornalzinho na mão esquerda, feito uma bandeira de festa.

Do portão, ainda me gritou feito uma menina: “Carolina, a aula inaugural da Universidade Rural vai ser na Vila Olímpica de Nova Iguaçu. E será na próxima semana; Não pode esquecer”.

E assim foi, conforme o informado, no dia 17 de abril, 2006, numa seguna-feira. Mas não era uma seguna-feira qualquer. Foi o dia em que tomei consciênciia de que era a primeira da família a estudar em uma universidade federal, gratuita e de qualidade.

E lá nos encontrávamos no meio de outros jovens carregados de orgulho no peito, nutrindo grandes esperanças. O clima era de festa, todos sorriam, todos se cumprimentavam. Os olhares brilhavam.

Muitos de nós éramos filhos e filhas da classe trabalhadora, frequentando pela primeira vez o espaço de uma universidade pública.

Devida a minha ansiedade por abraçar e beijar o futuro, chegamos mais cedo, vestidas com nossas melhores roupas e sapatos, batom e brinco. E parece que não sou eu.

Estava preocupada com as aparências. Como nos cabia, estávamos todas bem vestidas e arrumadas.

A gente é beleza da festa!

A gente é a festa da chegada de mais uma Universidade Pública na Baixada Fluminense. E isso não era pouca coisa!

Ensino superior...

Superior: que é?

Desafio sem álibi.

Que coisa é essa coisa de ser superior?

Harada me deu uma resposta linda!

Ele me disse que o estudo superior exige a superioridade humana. Exige a madureza na experiência daquilo que perfaz a essência do Homem.

Isto quer dizer: exige que sejamos atingidos pela compreensão do que seja a essência do humano, isto é, a vida numa perspectiva única e originária, através de uma tentativa radical de busca. Mas isto eu só vi a saber depois.

Depois que li esta passagem no texto que ele escreveu, *De Como Estudar*, fui compreendendo que conhecimento tem uma profunda relação com a vida da gente mesma,

Ser apenas uma profissional não vale a pena.

Que a vida, nos falou Fernando Pessoa, só “vale a pena quando alma não é pequena”.

Embora não soubesse ainda, já naqueles dias felizes, intuía o que saberia mais tarde da boca de um filósofo: uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida - Sócrates.

E assim foi acontecendo. No caminho do indo e vindo, por aqui e por lá ali, enfim, chegávamos a tal sonhada universidade pública: a UFRRJ. Chegamos a mais um desafio, sem álibi.

A culpa e a responsabilidade eram todas minhas! Mas eu ainda não sabia isso com clareza antes de ter lido isso em Bakhtin, em “Para uma Filosofia do Ato responsável”.

Ah, como me lembro do dia da matrícula! Acordei animada e olhei pela janela. O céu estava azul. Se estava mesmo, eu não sei. Eu que vi dessa cor, desse modo. A realidade é misteriosa, não se pode ver só com os olhos da cara.

Peguei o ônibus, como um papel anotado o local: P1, sala 96. Voltei para casa orgulhosa e animada. Na porta, minha mãe me esperava: “E aí, foi tudo bem lá?”. Ao que

respondi: “Tudo!”. Agora sou uma aluna da Rural, com número (2006720031). Sou uma pessoa de nível superior. Mas o que é ser superior? Não vai ficar metida nem besta!

Só mais tarde, já estudando na pedagogia, entendi o que minha mãe, com sua sabedoria, havia me chamado atenção, mas que só vim a compreender lendo um texto de Hermógenes Harada.

Para ele, estudar exige uma atitude pessoal que manifesta uma superioridade humana no estudo, isto é, no desempenho do trabalho intelectual...

Isso não significa ser mais poderoso, mais dotado, mais inteligente, mais convencido do seu saber. Significa ser mais maduro na experiência daquilo que perfaz a essência do humano: a vida.

Fora disso, a vida é banal, inauténtica, disse Heidegger. Ao que Arendt responde: “A banalidade é origem do mal, origem da violência”.

Tempo da Técnica: qual é?

Antigamente o futuro era melhor.

As coisas como estão não me parecem satisfatórias. Os homens morrem e não são felizes. Essa frase eu ouvi do *Calígula*, de Camus.

Suas palavras me entristecem, mexem comigo e me paralisam na mais dura constatação: o tédio da vida, a angústia da morte no corpo e na alma da gente.

No tempo que vivo, os “donos do mundo” com seus símbolos, siglas e sinais exercem seus podres poderes, pregam seus evangelhos de prosperidade. Sem nos darem tempo para apurar os juízos ocultos das orações.

São lobos vestidos em peles de ovelha que anunciam, a cada segundo, um novo mundo, um novo método, uma nova pílula que nos cura dos infortúnios e que, por certo, nos levará sem esforço às portas do paraíso.

Manuais de como escapar do inferno do medo, do tédio, da melancolia, da incerteza são pregados e publicados pelos *coaches* da internet. São os novos sacerdotes, prometendo saúde, paz e prosperidade.

A língua facista das *big techs* e de seus olgorítimos transformam informações em discursos de ódio e de guerra que navegam impunes nas redes sociais. Verdades e mentiras a

respeito do mundo que somos todos nós corresponsáveis.

No contexto atual, as redes sociais desvelam e velam esse real, manipulando afetos, alimentando paixões e pré-conceitos.

Em nome disto ou daquilo conquistam corações e mentes.

Não pense! Basta seguir as instruções prescritas nos manuais: faça isso, mas não faça aquilo. Aja duas vezes antes de pensar.

Faça *isto e aquilo ou aquilo ou isto?* Ou nem isto nem aquilo?

Sem álibi, no claro-escuro desse tempo em que vivemos na correria, ousamos nos recolher nas palavras e pensar, com paciência e serenidade, a ciência, a arte e a vida.

Sem isso, a terra, o nosso habitat natural, o nosso destino, periga de extinção, e Auschwitz se apronta para nova temporada.

Em vista disso, na era das *big techs*, da inteligência artificial, é preciso estar atento. Tudo no mundo – bonito ou feio - é e não é bom ou mal. É o que parece e aparece.

Nesse impasse cognitivo e ético, tudo passa ao suposto. O real da coisa se retrai dando lugar ao simulacro.

Supõe-se que isto pode ser aquilo que parece e aparece. Supõe-se que seja... ou talvez não.

Na dúvida, suspende-se o juízo, comprando gato por lebre.

Na era soberana da técnica, pensa-se que a técnica seja uma coisa boa, como de fato ela é, mas também suspeita-se que ela não seja tão boa assim.

Parece que as novas máquinas tramam nos substituir em nossa mais nobre distinção: a de pensar sem corrimão.

Ela, num piscar de olhos, muda de fada sedutora à bruxa disruptiva artificial e naturalmente banal.

Urge compreender o poder evidente da técnica que impacta nossas vidas tanto para o bem quanto para o mal.

Isto ou aquilo, ou isto e aquilo. A técnica não é um bem nem um mal absoluto: é técnica.

Nesse sentido, trata-se de pensar a técnica para assim estabelecer um relacionamento livre com ela.

Que a linguagem seja, a um só tempo, holística, científica, artística e poética!

Que a linguagem seja capaz de desvelar as camadas do real e pré-ver os sentidos da mudança que se encontram presentes no aqui e agora!

*Ora, onde mora o perigo
 É lá que também cresce
 O que salva²²*

Enfim, seja para o bem ou para o mal, somos criadores e criaturas, inocentes e culpados.

Corresponsáveis pela nossa era técnica.

Pensando com e a partir de Heidegger, percebo que, em nossa época histórica, a tecnologia e o dinheiro conquistam e aceleram o tempo, o que faz parecer que não há mais tempo.

Hoje o tempo do capital significa rapidez, o que afeta significativamente a nossa história pessoal e coletiva. Vive-se sempre com pressa e fora do prazo, de olho no relógio, de olho no resultado.

No tempo do relógio, o que vale menos é o pensamento do sentido. O tempo, como história narrada, desapareceu.

Na pressa, sem tempo de pensar, não há mais tempo para ouvir ou contar histórias.

Na celeridade do tempo do agora, na angústia e no tédio, incomunicável, jaz o ser em sua experiência.

Seguem-se regras, orientações, comandos.... Executam-se tarefas e funções de modo mecânico, aleatório, alheio ao que faz e a como acontece. Cena chapliniana.

É o pensamento do cálculo sobrepondo-se ao pensamento do sentido, invadindo as instituições, afetando as relações e desumanizando a todos.

Na busca do tempo pontuado e acelerado pelo relógio, cego pelos afazeres burocráticos, perde-se tempo, perde-se o sentido e perde-se a si mesmo.

Para Heidegger, é preciso enxergar o tempo a partir de nós mesmos. Somos o próprio tempo.

Nesse sentido, o tempo é um contínuo indiviso. O que passa e muda somos nós mesmos na nossa finitude.

A experiência do tempo se relaciona com a experiência que se tem em ser humano, e isso não pode ser medido pelo relógio, pelos dias, pelas horas nem pelos calendários.

Infelizmente, na atualidade, o tempo mecânico, linear e objetivo dos marcadores temporais se sobrepõe ao tempo orgânico-subjetivo do ser humano, impondo a todos o mesmo ritmo, homogeneizando-os.

É o tempo do cálculo, do pensamento do cálculo, como nos faz ver Heidegger¹¹. A

forma como o tempo passa para cada um nunca é igual. Cada instante é único e singular para cada indivíduo.

Para Heidegger, o homem não é “o que”, ele é “como”, pois está em constante transformação, em devir, mudando historicamente no tempo.

O tempo orgânico do ser não é teórico, não é arbitrário, não é exterior ao indivíduo.

É o próprio indivíduo no seu devir, no seu passar no tempo, no seu passatempo.

O tempo orgânico do ser não é contínuo como o tempo do relógio. Não é igual para todos. Só pode ser contado a partir de uma subjetividade.

O ser é igual a si mesmo no tempo, mas não exatamente, porque está em constante transformação e reflexão.

O ser é o próprio tempo que nos faz perguntar por nós mesmos: o que se passa com aquilo que nos passa?

A resposta não tem fim, mas finalidade. Por enquanto, apenas sei que ser e tempo são indissociáveis. O tempo é a angústia de quem nasce, cresce e morre.

Em cada porvir, existe a possibilidade de morte e renascimento. Isso se revela como a força motriz pela qual se vive e que se torna preciosa para cada ser humano.

O reconhecimento da condição mortal do ser humano possibilita falar do sentido da vida que se vive cotidianamente, promovendo reflexões sobre o ser-estar no mundo e com o mundo.

Foi a partir disso que me pus a caminho de uma reflexão sobre a minha própria prática de técnica e servidora pública. A vida não examinada não vale a pena ser vivida (Sócrates).

Tal como Sócrates, Heidegger defende o pensar como uma tarefa imprescindível.

Diante de um mundo obscuro e massificado, não se pode esquecer do sentido do ser, um sentido que, nos dias atuais, periga na irreflexão e na banalidade.

As ponderações heideggerianas, em torno da técnica me levam a pensar em meu cotidiano de técnica a partir de algumas perguntas: quê?, para quê?, para onde? e agora?

Ser ou não ser? Eis a questão que me atravessa: que é técnica? Qual o seu sentido?

Só sei que técnica é tudo aquilo que não é técnica. Eis o desafio cuja resposta aqui jamais será definitiva.

Desde já, a tarefa de pensar que é técnica já se encontra no caminho da técnica. O caminho da técnica é o do pensamento que passa pela linguagem.

O caminho só se faz no encaminhar da questão, no registrar da fala da linguagem na linguagem. Na e com a linguagem, os seres humanos falam, dizem o mundo.

Para Heidegger, no mundo humano tudo se reduz à linguagem. Ela é o todo, mesmo

quando só se mostra em parte.

A linguagem é a morada do ser do humano no seu sendo, no seu existir.

Na linguagem, o pensamento humano sempre demanda trabalho com a linguagem.

Responder a uma questão é um trabalho do pensamento na e com a linguagem.

O fim do pensamento humano não existe, e o começo não é preciso.

Nem isto nem aquilo, mas isto e aquilo.

Comunga-se, portanto, com o pensamento de Heidegger. É na e com a linguagem que nos revelamos, nos desvelamos, nos velamos, estando sempre no sendo.

É na linguagem que viemos a ser e a não ser no e com mundo.

No mundo em que somos, estamos sempre sendo na linguagem, nossa morada.

Nas falas, enunciamos ideias, crenças, afetos, sentimentos, verdades e mentiras, coisas feias ou belas. Comunicamo-nos com gente como a gente. Igual e diferente.

No encaminhamento da questão da técnica, Heidegger nos convém, qual seja: pensar a questão da técnica, eu mesma, para além da técnica, a partir de um fazer técnica.

Técnica só não basta: por quê?

Técnica não é só técnica.

Percebo que a vida não é o que eu acho que deveria ser, mas como ela é no seu sendo: bonita e feia. Depende do modo de como a percebemos; depende do dia e da hora.

No devir de cada um, no seu cada um, a vida não é, ela é um isto que pode ser um aquilo que se recria e *interfere* na nossa leitura de mundo.

Nos entrelaçamentos entre ciência, vida arte, tenho buscado a unidade orgânica dessas três esferas imprescindíveis a uma vida digna a partir da própria prática no convívio com outras pessoas.

No meu convívio diário, a pergunta que é técnica, que é ser técnica a partir da técnica, do além da técnica, permeia o meu diálogo cotidiano.

Perguntas que não têm fim, mas só têm começo...

A resposta importa menos que a pergunta.

O importante é pensar, aprender a pensar.

É disso que se trata: pensar a técnica em diálogo com o mundo, com aquilo que não sou eu, mas que me afeta e se torna um objeto de pensamento.

Em relação às coisas práticas, este pensar é inútil, não serve para nada: não produz uma sabedoria prática utilizável e tampouco nos dota diretamente com o poder de agir.

Apenas nos permite pensar, aprender a pensar, pensando na e com a linguagem.

Para Heidegger, pensar “o é” e “o não é” de uma coisa é pensar tudo aquilo que a coisa não é: *aquilo que rege toda árvore como árvore não é em si mesmo uma árvore que se pudesse encontrar entre as árvores*²³.

Foi essa passagem que nos fez pensar na técnica não mais como representação, não mais como algo dado, como uma coisa pronta, definida, acabada, formada, idealizada, mas pensada, meditada.

Passei a desconfiar que o que constitui a substância da técnica como técnica não é em si mesmo uma técnica que se possa encontrar entre as técnicas.

Pensar “o é” e “o não é” é colocar o mundo entre parênteses. É cair em um vazio pleno, é abolir as representações, as definições. É suspender os juízos, os pré-conceitos. *Epoché*²⁴.

Pensar a coisa seria assim como descascar cebolas, descascar palavras, pétala por pétala, bem-me-quer-mal-me-quer, até o fim da coisa alguma, do sem fundo da coisa que se desvela e se vela *a partir de*. A partir do despertar de uma consciência imanente.

Pensar “o é” e “o não é” da técnica é perceber o ser, o modo de ser da técnica se manifestando nela mesma.

O ser se manifestando nele mesmo só pode ser percebido na unidade do tempo-espacó. Na presença.

Além da tarefa precípua e urgente de apreender o verdadeiro do ser no tempo-espacó, não há outra intencionalidade a ser colocada em pauta antecipadamente.

A pauta vem no encaminhamento do pensamento. Vem no fictício da linguagem. Ela, a pauta, é apenas um tempo-espacó no vagar de pensamento.

No verdadeiro fictício do pensamento, na linguagem, caminhante não tem caminho, tem finalidade, qual seja: pensar a técnica a partir da técnica. Eu mesma no encaminhamento do pensamento na e com a linguagem.

Nesse caso, não há manual prévio que nos possa valer.

Gente: quem é?

O antes, o durante e o depois.
Eu me movo como gente.

Não importa o que eu esteja fazendo; é preciso, sim, antes, ser gente.

Gente é base sem modelo acabado que rege as ações. Ajo como gente.

Tudo no mundo humano vem da gente, vem de oito bilhões de pessoas.

Sem gente não há mundo humano que vire humano ou venha ser.

Gente é o antes que sustenta o durante e o depois...

Gente tem a ver com gente, compartilhando experiências num mundo comum.

De tanto conviver com gente, gente eu sei quem é. Gente sou eu e os outros.

Mas saber só não basta, é preciso agir como gente.

Ajo como gente?

Quem é a outra gente que não sou eu?

O outro é um valor em si mesmo, um extraordinário da espécie.

O outro é gente como eu, mas não é como eu sou.

O outro é a radical alteridade!

Gente é tudo igual e é também diferente. Somos iguais porque somos diferentes.

Tenho me perguntado pelo sentido que tenho dado à minha relação com o outro.

Embora radicalmente únicos, só o somos porque somos socializados.

Aprender a ser gente é tarefa que cabe a cada um, sendo no seu sendo único.

Gente interfere na ação. Gente é a estância ética do agir.

Ajo como gente.

A qualidade da gente é a qualidade do serviço público.

A técnica, como gente, cuida de gente, das coisas de que gente precisa. Cuida do que não é preciso no dia a dia, no aqui-agora.

A técnica cuida de antecipar os imprevistos.

O que falo quando pronuncio a palavra gente? Depende sempre do contexto do enunciado.

Gente tem significado variado de sentidos.

Gente é uma quantidade não determinada de pessoas: povo, multidão, população, nação, habitantes de um país, de uma região - a gente brasileira.

O pessoal Nova Iguaçu, Três Rios, Campos dos Goytacazes ou de Seropédica, gente

da Rural, é a gente de que falo aqui, é a minha gente das gentes.

Em meio à gente e com ela me é dado tempo de viver-aprender na terra, porque viver é que é o aprender mesmo²⁵.

Gente são milhares. A ela me ato-desato, trocando afecções e afetos.

Gente não pode ser negada.

Gente existe como gente. Não se pode ser nada sem antes ser gente. Não se deixa de ser gente nunca.

Bicho não é gente, mas gente pode se tornar.

Gente é substantivo. Substancial. Fundamental.

Gente está sempre sendo no e com o mundo.

Gente é ponto de chegada e de partida.

Gente nasce, vive e morre no meio de gente.

Gente é para si e para o outro.

Gente está sempre por aí...

Gente é real, concreta, única, diferente.

Gente é um negócio que acontece com todo mundo.

Todo mundo é gente, todo mundo importa.

Gente é adjetivo: qualidade positiva e negativa.

Cada gente é um mundo importante para si.

No mundo e com o mundo, nos movemos como gente.

Não importa o papel social, é preciso, sim, antes, ser gente. Gente sempre!

Gente é a base do movimento daquilo que nos vem ao encontro ou desencontro.

Gente é mundana porque gerada de mundos.

Gente interfere na qualidade do produto, interfere na oferta e na procura.

A paz depende da paz, depende de gente em paz.

Ser gente não é tarefa fácil. É uma batalha diária compreender o compreender do outro.

O outro é gente, e gente não é precisamente uma configuração só.

No outro há muitos outros, outras gentes.

Compreender é o “x” da questão. E o “x” da questão é sempre, desde Sócrates, conhecer a nós mesmos.

Não se pode conhecer sem antes conhecer a si próprio.

Ser gente é a tese que nasce da pergunta que não cessa: que é gente?

A tese nasce e cresce, se desenvolve a partir da resposta incompleta: ser gente é abismo.

Gente não é...

Gente não é assim nem assado, gente é assim e também assado.

Gente é ambivalente, ambígua, híbrida, indefinível, irredutível. Não dá para precisar uma resposta definitiva, absoluta.

Gente não é uma coisa, não pode ser reduzida a expressão “Gente é..”.

Junto da afirmativa, há de permanecer uma interrogação.

A resposta não apaga a pergunta: que é gente?

Técnica é gente. Gente é técnica para além da técnica.

Gente é a base sem fundo na qual se sustenta a vida dinâmica de qualquer organização social.

Freire sempre nos fala de gente vivendo com gente e como gente.

Para ele, ninguém é superior a ninguém.

Gente não é dom da natureza, é cultura. Gente é cultivo, criação cultural.

Gente é uma obra artesanal coletiva e plural, mas uma obra única.

Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo: nos educamos.

Por fim, voltemos ao início...

A tese é agente, a gente numa experiência poética com a linguagem; é a gente abduzida por um carrossel de perguntas que feito cavalinhos de brinquedo sobem e descem de galopinho na minha cabeça.

E na cavalgada pela resposta, jamais definida, que a gente comprehende que é ser gente e ser técnica. Nem antes, nem depois, mas durante.

Gente é agente para além da técnica; nem antes nem depois, mas durante.

Como no Yin-Yang, gente está no em si mesmo de cada ação que nos desvela como gente e como técnica.

É nesse jogo de claro-escuro que nos entregamos a pensar e a escrever como se lavássemos roupas ou descascássemos cebolas.

Mais que livros, escolhemos gente que nos afetaram, que nos permitiram pensar e escrever poeticamente com o *estrito* rigor técnico das lavadeiras.

Desses grandes mestres, de tudo ficou um pouco do muito que eles podem ainda nos oferecer.

Ficou uma confraria de gente: Heidegger, Bakhtin, Certeau. Arendt, Drummond, Garciliano, Harada, Lao-Tsé, Cecília. Saramago, Rilke, Brecht, Freire, Certeau, Caeiro, Platão,

Aristóteles, Ana Carolina, Beto e Rosana

No burburinho da festa, num canto da sala, dependurado na parede, ficou a pergunta
recolocada por Heidegger como lembrete: *Que é ser?*

BIBLIOGRAFIA

Para sentar à mesa, convidamos gente para pensar com a gente a ciranda da vida que jazz guardada nos livros que escreveu no dessassogo de seus sonhos, imaginações e pensamentos.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Cia Aguilar, 1973.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Tradução de Cesar de Augusto de Almeida, Antônio Abrantes e Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1982.

CAEIRO, Alberto. **O guardador de rebanhos**. Editora Globus, 2011.

CAMÕES, Luis Vaz de. **Os Lusíadas – texto Canto 1**. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem**: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.

HÖLDERLING, Friedrich, apud HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HUSSERL. **Vida e obra**. Col. Os pensadores. Tradução de Zeljko Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Editora Nova Fronteira, 1990.
- _____. **Janela mágica**. São Paulo: Moderna, 1983.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Porto: Ideias de Ler, 2017.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Paulo Ronái e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2013.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Editorial Companhia de Letras, 1995.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Matafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2003.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

<https://espírito.org.br/artigos/assem-e-se-lhe-parece/>